

O INCIDENTE DE ECONÓMICAS

R. 141172

A Direcção do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras tornou ontem pública, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a seguinte comunicação.

«Tendo sido notada, durante a tarde do dia 12, por alguns estudantes, a presença, nas instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de um indivíduo que lhes pareceu estranho à Escola e tendo este recusado identificar-se, foi solicitado ao Secretário do Instituto que pedisse a esse indivíduo a sua identificação.

Após várias contradições, e tendo a certa altura afirmado ser agente da Direcção-Ge-

ral de Segurança, foi contactada essa Direcção-Geral, que informou não existir qualquer agente com o nome indicado, nem qualquer chefe com o nome também citado pelo mesmo indivíduo como sendo o do seu superior hierárquico. Nestas condições, a Direcção-Geral de Segurança comunicou que iria enviar dois agentes para procederem à sua identificação.

Enquanto se aguardava a chegada dos dois agentes, foi aquele indivíduo levado por um grupo de estudantes para um anfiteatro, onde rapidamente se juntaram numerosas pessoas.

Após a chegada dos agentes, dirigiram-se estes, acon-

panhados pelo Secretário e por elementos da Direcção da Associação dos Estudantes, para o anfiteatro, a fim de procederem à identificação, logo afirmando não pertencer o mesmo indivíduo à Direcção-Geral. Suscitou-se, nessa altura, burburinho, havendo um grupo molestado esse indivíduo, enquanto outro, apesar dos esforços de numerosos estudantes para restabelecer a calma, atacava os dois agentes. Gerou-se, assim, grande confusão e verificaram-se atropelos dentro do anfiteatro, havendo sido disparados alguns tiros e sabendo-se que foram transportados dois feridos, em automóveis particulares.

A Direcção da Escola não pode deixar de lamentar profundamente o ocorrido e irá promover a realização de um inquérito imediato sobre estes factos.

N. R. — Segundo apurámos junto do banco do Hospital de Santa Maria, o incidente fez um morto e um ferido, ambos estudantes. Aquele serviço chegou já sem vida um aluno do 4.º ano de Direito, José António Ribeiro dos Santos, de 20 anos de idade. Um seu colega de Económicas, José Alberto Rebelo dos Reis, de 19, ficou ali internado, ferido numa perna.

O estudante morto era filho do sr. dr. Vasco Ribeiro dos Santos, médico assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Residia com seus pais na Calçada de Santos, 37, 2.º.

Consequências dos incidentes em Económicas

O estudante José António Ribeiro dos Santos, falecido anteriormente em consequência dos incidentes ocorridos no I.S.C.E.F., foi sepultado esta tarde.

Durante a tarde de ontem, o universitário, que era filho do dr. Vasconcelos Ribeiro dos Santos, assistente dos Hospitais Cívicos, e de D. Maria Antónia Leitão Ribeiro dos Santos. Foi autopsiado no Instituto de Medicina Legal.

Na sala de observações do Hospital de S. José, continua internado o estudante, também de Direito, sr. José Al-

berto Rebelo Reis, de 19 anos, mas o seu estado não inspira cuidados.

Dois agentes da Direcção-Geral de Segurança,

ficaram feridos sem gravidade e, tendo recebido tratamento hospitalar, recolheram a casa.

Ontem, de manhã, o director do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras esteve, em reunião, no Ministério da Educação Nacional,

do indivíduo suspeito, que ficou por identificar.

Os agentes sofreram várias contusões devidas ao espancamento, dirigindo-se, por isso, ao Hospital de S. José para serem examinados.

Cerca das 21 horas, soube-se através da Polícia de Segurança Pública, que haviam sido conduzidos ao Hospital de Santa Maria dois feridos e, mais tarde, que um deles havia falecido.

No Instituto, os agentes não se aperceberam de que os tiros houvessem causado ferimentos e o transporte dos feridos realizou-se, em automóveis particulares, por forma tão discreta que os estudantes que acompanharam os seus colegas, ao hospital, nem sequer chegaram a ser identificados.

Ambos os feridos estavam matriculados na Faculdade de Direito, sendo, portanto, estranhos ao Instituto onde se produziu o incidente. Um deles, José Alberto Rebelo dos Reis, foi reconhecido pelos agentes, quando transferido para o Hospital de S. José como um dos mais activos elementos do movimento, ficando, por isso, sob prisão.

A organização e preparação de todo este processo, que se desenvolveu ao longo de algumas horas, mostra como elementos

recrutados em várias escolas conduzem a acção subversiva e aproveitam a oportunidade de atrair os agentes da Direcção-Geral de Segurança a uma farsa de tribunal estudantil, para os valear e agredir.

A acção de grupos, subversivos dentro das escolas vem sendo assinalada, há muito tempo, tornando-se cada dia mais claras as suas intenções. As organizações clandestinas já conhecidas actuam dentro e fora das escolas e têm de ser responsabilizadas por mais este grave acontecimento.

Comunistas e maoístas responsabilizam-se, mutuamente, por estas acções, mas mostram-se unidos no ataque à autoridade e às instituições, utilizando os meios de que dispõem para fomentar a subversão.

A gravidade dos factos relatados, que lamentavelmente causaram a perda de uma vida, deve fazer reflectir sobre os comportamentos que se impõem neste momento.

Não podemos dar oportunidade aos grupos extremistas de alimentar a luta, de fomentar a violência, perturbar a tranquilidade pública e prejudicar os interesses gerais.

Determinou-se, por isso, que fossem proibidas quaisquer manifestações públicas.

Folhas clandestinas tentam explorar a realização do funeral que, todavia, não poderá ser objecto de especulação política, nem aproveitado pelos culpados da sementeira de violência que se pretende fazer entre a juventude.

Comunicado

do Ministério do Interior

Através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos do gabinete do ministro do Interior o seguinte comunicado:

Concluído o inquérito a que imediatamente procedeu a Direcção-Geral de Segurança sobre o incidente verificado na quinta-feira, 12, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, apurou-se que o secretário do Instituto, cerca das 17 horas, pediu, telefonicamente, à Direcção-Geral de Segurança para mandar identificar um indivíduo que se encontrava ali retido pelos estudantes e dizia ser agente daquela Direcção-Geral, agindo sob as ordens de determinado inspector.

Os nomes do agente e do inspector não conferiam com nenhum daqueles que estão ao serviço da mesma Direcção-Geral, mas o funcionário que atendeu a chamada, dada a insistência do pedido e a estranha situação criada na escola, determinou que fossem ali dois agentes desempenhar-se da missão solicitada.

Os agentes destacados foram recebidos pelo secretário do Instituto, a quem se dirigiram, cerca das 18 horas e 30 minutos, tendo pedido que lhes fosse apresentado o indivíduo a identificar.

O secretário do Instituto mandou, então, chamar os representantes dos estudantes que retinham sequestrado, o referido indivíduo. Os agentes pretenderam que o suspeito fosse trazido à sua presença, insistindo os estudantes para que fossem eles ao seu encontro, no anfiteatro a fim de que a identificação se fizesse perante todos os colegas presentes.

Os agentes acabaram por aceder, em face da cordura das palavras dos estudantes e da tranquilidade do ambiente, pondo como condição serem acompanhados, nesta diligência, pelo secretário.

Chegados ao anfiteatro, encontraram ali um indivíduo de pé, junto do quadro preto, com um saco de papel enfiado na cabeça até aos ombros e as mãos amarradas atrás das costas perante mais de duas centenas de estudantes — rapazes e raparigas — em condições que nem o secretário do Instituto nem os estudantes com quem tinham contactado haviam de qualquer modo denunciado, nem eles, agentes, podiam suspeitar.

Começaram por ser valados logo à entrada, mas, obtida uma pequena acalmia, que lhes permitiu justificar a sua presença, um dos estudantes retirou o saco de papel da cabeça do sequestrado. Os agentes afirmaram logo, peremptoriamente, que não se tratava de nenhum funcionário da Direcção-Geral de Segurança.

Ouviram, então, insultos e ameaças, ao mesmo tempo que um grupo passou deliberadamente à agressão, tentando dominá-los, envolvendo-os, manietando-os e agredindo-os a don-

tapé, a soco e com objectos contundentes.

Um dos agentes foi completamente dominado, e o outro, embora agarrado pelas costas, conseguiu retirar a pistola da cintura e fazer três tiros com o propósito de intimidar os seus agressores e em condições de não poder alvejar qualquer deles.

A confusão criada produziu a debandada geral, permitindo a libertação dos agentes e a fuga

Incidentes com estudantes

Grupos de jovens apadreceram montras do edifício do Ministério das Corporações, na Praça de Londres, e de vários bancos e casas comerciais da

quela zona lisboeta. As filiais do Banco Fonecas e Burnay e do Crédito Predial Português, uma delegação do grupo «Assurances Nationales», a firma

«Rima» e o Supermercado Pão de Açúcar foram atingidos por prejuízos de certa monta. Igualmente foi apadrecido um automóvel conduzido por um militar e que transportava um oficial do Exército — os quais se viram forçados a abandonar a viatura.

Outro estudante, ferido no incidente no I.S.C.E.F., está internado no Hospital de S. José, onde também compareceram para receber tratamento dois agentes da D.G.S.